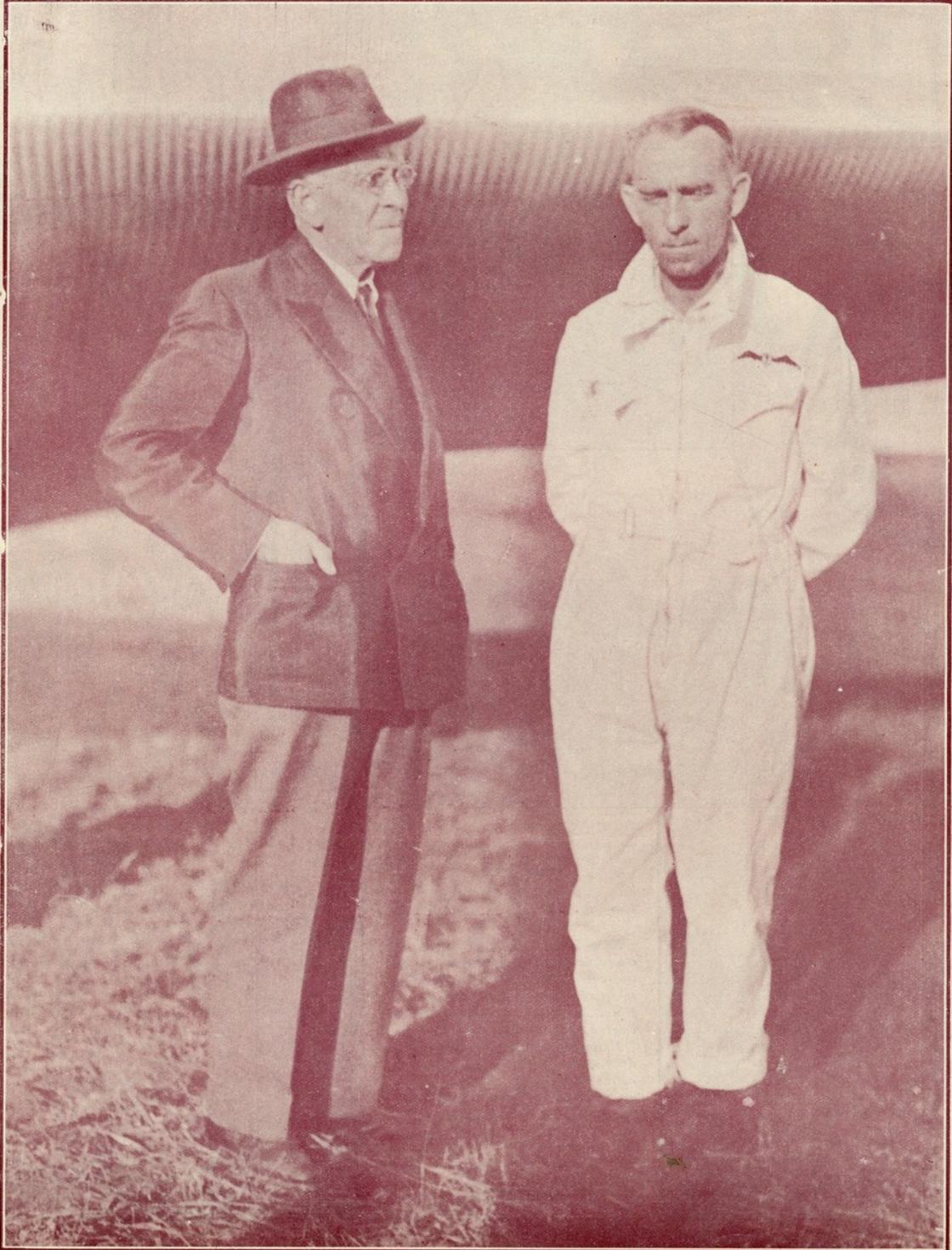
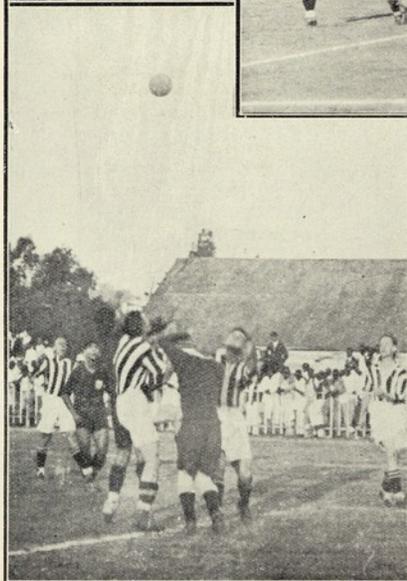
ANO I N.º 10
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
15 de Agosto de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

Dois "azes" da aviação em terra firme: o almirante Gago Coutinho e o major Miller

FOOT-BALL internacional

Na tarde de 6 do corrente realizou-se, no campo de jogos do «Ferro-Viario», o encontro entre o «Frontier Soccer Team» e a selecção de Lourenço Marques organisado pela A. F. L. M., cujo resultado foi ser batido o team de East London por 5-2.

Damos algumas fases interessantes do desafio, vendo-se ao alto da pagina, á esquerda, a composição do «onze» de Lourenço Marques e á direita o «Frontier Soccer Team».

crónica da QUINZENA

A emotividade colectiva foi surpreendida no outro dia, dolorosamente, por um terrivel desastre de automovel onde uma senhora, na flor da vida, encontrou a morte! A simpatia que essa senhora inspirava; a estima, a amisade que muitos lhe votavam (bem como a seu marido, pais e outros parentes) contribuiram muito para que a sua morte fosse profundamente sentida. Mas todas as circunstancias em que essa morte se deu e que concorreram no desastre, imprimindo-lhe um cunho de verdadeira tragédia, não influiram menos na sacudidela violenta que abalou, desde as raizes mais fundas, a sensibilidade da população citadina, sem distinção de classes e categorias sociais.

Logo que a má nova começou a circular com seus tristes detalhes, um «frisson» de emoção percorreu a população inteira, que foi tomada de nervosismo e de dor, vendo-se, no meio da consternação geral, muitos grupos comentando o caso, muitos rostos palidos e correrias de automoveis — uns de pessoas que se dirigiam, impressionadas, ao local do desastre; outros, dos que procuravam encontrar-se, depressa, com as pessoas da familia enlutada, na anciedade, bem explicavel, de as estreitarem nos seus braços e de lhes darem aquele conforto moral que, em geral e infelizmente, nada conforta, quando a alucinação do desespero nos toma e a vida, á nossa roda — vasia de sentido — adquire uma expressão totalmente diversa!

Por tudo isto, nada admira que a manifestação funebre, realizada no dia imediato, fosse o que foi: uma das mais concorridas, das mais imponentes, das mais comovidamente sentidas, das mais impressionantes, — se não a mais — de todas a que temos assistido em Lourenço Marques.

E, já que nenhum de nós (nem todos juntos) tem o poder de restituir á vida e aos entes queridos de sua familia — agora esmagada por atroz sofrimento — a desditosa senhora que, em plena mocidade e ventura, foi surpreendida pela mão do Destino, — ao menos que o abalo emotivo que a sociedade sofreu, sirva para evitar, quanto possivel, a repetição de desastres desta natureza, rodeando-se a vida humana das maiores garantias de respeito e segurança e não se transformando elementos de progresso, de recreio e de bem-estar, em terriveis e traiçoeiras máquinas de destruição e de dôr.

Se assim suceder, não terá sido efemero, nem inutil, este movimento admiravel da sensibilidade colectiva. E a memoria desta pobre senhora — tão cedo e tão cruelmente arrebatada á vida! — viverá santamente no coração de todos, desentranhando-se (numa primavera eterna) na esplendida floração das rosas de todo o ano...

* * *

Esteve entre nós o almirante Gago Coutinho, autentica gloria nacional, que há anos, num vôo audaz, fazendo—na companhia de Sacadura Cabral—a primeira travessia aérea do Atlantico, de Portugal ao Brasil, levou o nome da nossa terra, iluminadamente, a todos os cantos do Mundo, abrindo, com o seu sextante, novos horisontes e seguros caminhos cientificos á aviação. A estupenda confiança que ele tinha nos resultados dos seus estudos, aliada á sua serenidade, á sua audacia e á audacia de Sacadura Cabral, deram como consequencia o assombrar o Mundo com esse deslumbrante risco de luz, traçado no espaço, que foi acompanhado pela palpitação sincronica de muitos milhões de almas, como se a alma humana fosse só uma e fosse conduzida nas azas elegantes daquele avião.

Recordar, mais uma vez, a hora que o Mundo, suspenso, viveu durante essa gloriosa travessia aérea sobre o Oceano, não é nunca demais e constitui, para nós portugueses, um grato dever. Apesar dos homens como Gago Coutinho — pelo seu valor e pela acção social que desenvolvem, influindo profundamente no progresso — deixarem de pertencer a uma pátria estreita para pertencerem á Humanidade, a verdade é que nós não podemos esquecer que ele é da nossa terra e que, ele proprio, revela em todos os seus actos ser português até á medula.

Esteve entre nós Gago Coutinho. De parelhas com o seu valor de notavel geografo, com o seu talento e com a sua gloria, anda a sua modestia, já sobejamente conhecida e reconhecida por todos, com espanto! E foi essa modestia que o fez chegar a Lourenço Marques sem ser esperado, sem aviso prévio, furtando-se ás manifestações oficiais e á recepção quente e entusiastica que a alma popular—que não desconhece nem esquece os seus verdadeiros herois — lhe iria fazer, recordando-lhe as horas sagradas do seu triunfo por entre as frementes ovações das multidões em delirio dos dois Continentes ligados pelo seu vôo. Modestia que, embora excessiva — e incompreensivel para aqueles que se envaidecem com qualidades que não têm mas que julgam possuir e com que se deslumbram — não ofende nem irrita, porque é assim mesma, natural, verdadeira, sincera, intrinseca, celular: exteriorização clara e limpida da sua maneira de ser, do seu caracter, da sua conformação espiritual.

Daí, o termo-lo visto aparecer no nosso meio social, na nossa vida da cidade, como uma figura amiga mas habitual, como se aqui estivesse residindo e o tivessemos visto ainda na vespera da sua chegada, cruzando-se conosco nas ruas, como se fosse para o seu emprego ou voltasse da sua repartição á hora do almoço ou á hora do chá...

E, perante tamanha grandesa de heroi e de homem de ciencia, aliada a tão grande simplicidade, não temos nem podemos ter outro gesto: é descobrirmo-nos, respeitosamente e em silencio, na evocação recolhida de todas as virtudes do Povo Português, vendo passar, perante nós, simbolisadas neste Homem, as grandes e impressionantes Figuras da nossa Historia.

* * *

Realizou-se no Scala a anunciada festa da «Terra de Portugal».

De há muito que a interessante idea da realização desta festa — concebida e levada a efeito pelo sr. Jorge de Figueiredo, inteligente e experimentado gerente daquela emprêsa cinematografica — vinha sendo esperada e acarinhada pelo publico. Mandou-se vir, de Portugal, terra portuguesa, que foi metida em graciosos saquinhos e distribuida, assim, á assistencia ao espectaculo. A idea — repetimo-lo — foi imensamente interessante e simpática, sendo natural que nós todos, os que por esta Africa vivemos e lutamos, arredados do ceu do nosso Portugal, gostassem de possuir — quási que como uma mascote — um pedacinho do sagrado torrão continental, berço de muitos, onde floriram ilusões, esperanças e saudades. A idea, delicada, sentimental, e artistica, tinha até qualquer coisa de simbolico.

Pena foi que a sessão cinematográfica que constituiu a festa, a seguir á distribuição dos preciosos saquinhos da terra portuguesa, não se harmonisasse com os intuitos que presidiram á idea inicial, traduzida neste titulo: «Festa da terra de Portugal». Sempre pensamos que a Empresa do Scala, e em especial Jorge de Figueiredo, nos desse, em vez da detestavel inglesisse daquele filme dos «Namorados inconstantes», uma ou mais fitas que nos mostrassem, no ecran, aspectos das terras do nosso Portugal e nos recordassem pedaços da nossa vida. Esperavamos tambem que, no começo, ou no intervalo do espectáculo, alguem, usando da palavra, evocasse, com verdade, com elegancia, com emoção, alguns episodios da nossa Historia; alguns monumentos; algumas paisagens; a vida do nosso povo — das nossas costas, dos nossos campos, das nossas montanhas, das cidades e das aldeias —; a alegria policroma das nossas romarias; a sinfonia pagã das vindimas e das descamisadas; o encanto do luar misterioso de Janeiro e de Agosto a belesa e a graça das mulheres do povo: das de Ovar, das de Ilhavo, das de Viana do Castelo, de Afife, de Ancora, de tantas outras terras de todas as provincias; as margens do Tejo, do Douro, do Guadiana, do Mondego, do Lima...; as praias da Rocha, das Maçãs, da Foz do Arelho, da Nazareth, de Peniche, Povoa de Varzim, de Cascais, dos Estoris, de Espinho, da Figueira da Foz...; Cintra, Outão, Bussaco, o Bom Jesus, Santa Luzia, Monchique, o Marão, a Serra da Estrela...

Mas não. Nada disto vimos; em nada disto nos falaram...

Foi pena...

Pena que sentiu a propria «terra de Portugal», encarcerada naqueles saquinhos graciosos, a qual dizia — que n-s bem a ouvimos — num queixume sentido, numa suplica ardente e numa meia-revolta: «Dai-me vida! Dai-me liberdade! Dai-me o trigo que produz o pão e o espirito que alumia as almas! Dai-me, ao menos, a Saudade... do torrão em que eu vivi!...».

* * *

Houve há dias um acontecimento na cidade que não pode deixar de ficar registado nesta cronica. E registamo-lo com muito prazer. Referimo-nos á inauguração do Teatro Gil Vicente.

Devido á persistente acção, á força de vontade, á admiravel tenacidade do velho e estimado colono sr. Manuel Rodrigues, renasceu das cinzas, a que o reduzira um incendio, o velho Teatro Gil Vicente! E renasceu amplo, bem construido, com todas as condições modernas de sobriedade, conforto e segurança que reclamam edificios desta natureza. Foi assim a cidade dotada com mais uma excelente casa de espectaculos — que constitui um notavel melhoramento.

Por este facto merece o sr. Manuel Rodrigues, seu proprietário, as felicitações que lhe foram entusiasticamente tributadas na sessão solene da inauguração. E merece-as tambem pela intuição esplendida que teve ao dotar a sua casa de espectáculos com todas as condições para nela podermos vir a assistir á representação de bom teatro — quando a oportunidade o proporcione — honrando assim o nome de Gil Vicente e transformando aquele edificio num verdadeiro templo de Arte.

* * *

A Associação dos Empregados do Comércio e Industria de Lourenço Marques completou o seu 35.º aniversário, tendo organizado várias festas — que decorreram brilhantemente — em comemoração desta data e tendo publicado um interessante numero especial, profusamente ilustrado, da «Lusitania», seu orgão na Imprensa.

Fundada em 1 de Agosto de 1898, esta Associação, com a sua sede propria e campo de jogos, tem marcado, no nosso meio, como uma esplendida afirmação de espirito associativo e de tenacidade dos seus sócios e das suas Direcções. «O Ilustrado», registando o facto, dirige-lhe os seus cumprimentos.

Da esquerda para a direita: — *1.º, Lindo vestido criação da casa «Nitette» de Londres. Saia de crepe estampado com flores azuis, pretas e vermelhas, e blusa de setim «ciré» preto de mangas três-quartos e laço nas costas. 2.º, Modelo de chapeu, genero «cofió» branco, proprio para viajem. 3.º, Elegante chapelinho, modelo da casa «Marlene» de Londres, de palha preta, tendo por unico enfeite um raminho de lilazes. E' usado com um pequenino veu. 4.º, Ultimo modelo de fato de banho, de abas á frente. 5.º, Vestido de noiva, de grande cauda, ultima moda.*

Pintores portugueses

O Mestre Columbano

Falar de Columbano Bordalo Pinheiro — o espantoso artista do traço e da côr — é evocar uma época, é recordar um periodo aureo e cintilante da vida social, artistica, literária e mental de Lisboa, trazer ao primeiro plano figuras interessantissimas — já desaparecidas quási todas — perdularias de talento, muitos dos quais, quando não da familia, eram da intimidade do Mestre e frequentavam assiduamente o seu atelier. É lembrar dramaturgos, como Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, D. João da Camara e Pinheiro Chagas; pensadores e poetas, como Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal e Bulhão Pato; escritores e criticos, como Fialho de Almeida, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Coelho de Carvalho; actores, como Taborda, João Rosa, Augusto Rosa, Brasão e Ferreira da Silva; diplomatas como Batalha Reis e António Feijó, este tambem finissimo poeta; historiadores, como Oliveira Martins; caricaturistas, como Rafael Bordalo Pinheiro, cujo lapis tinha fulgurações de génio; pintores, como Silva Porto, Carlos Reis, Galhardo, Malhôa, Ramalho, Casanova e Veloso Salgado; escultores, como Soares dos Reis e Simões de Almeida; musicos, como o duque de Loulé, o visconde da Atouguia, Alfredo Keil e Rey Collasso; boemios cultos, como Fernando Leal; fidalgos — alem dos já mencionados — como a condessa d'Edla (a cujo auxilio deve o Mestre o ter podido concluir os seus estudos em Paris), a duqueza de Palmela — formosa alma de mulher e excepcional temperamento de artista plastica — a viscondessa de Sacavem, a condessa de Ficalho, Bernardo Pindela, o conde de Arnoso, Sabugosa, tambem escritores de merito, e tantos outros.

Recordar Columbano é lembrar o «Grupo do Leão», brilhante sociedade de artistas, fundada em 1881 sob o patrocinio de Silva Porto, sociedade esta que foi o ponto de partida para a organização do «Grémio artistico», que se fundou anos depois.

A Lisboa de então, a Lisboa de agora! Que diferença! Que diferença!

* * *

Columbano, como todos os grandes artistas, como todos os belos espiritos, como todos os homens de real valor, sofreu, por várias vezes, o embate da critica, duma critica injusta e absurda — a critica mesquinha dos nescios, dos ignorantes e, principalmente, dos invejosos incapazes de produzirem qualquer coisa que valha, qualquer coisa que fique como uma afirmação deslumbrante de talento.

E, todavia o Mestre, que tão cedo começou a afirmar-se, era profundamente modesto, não procurando pôr-se em evidencia, nem desejando ensombrar ninguem.

Fernando Leal — o interessantissimo boemio a quem já me referi — fez-lhe o mais exacto elogio numa dedicatoria, quando lhe ofereceu (aí por 1889 ou 1890) a tradução do livro de Michelet, «Os soldados da revolução». Dizia assim: «Ao meu estimavel Columbano, incomparavel artista do traço e da côr, tão sobrio, tão delicado e verdadeiro; e igualmente desdenhoso (como todo o grande e sincero artista) do embasbacante e do basbaque, isto é: de sua omnipitencia o sr. Maior Numero. Ao artista e ao amigo, tão nobre na sua arte como no seu caracter».

Columbano era assim, na verdade, e foi assim até há poucos anos, quando morreu.

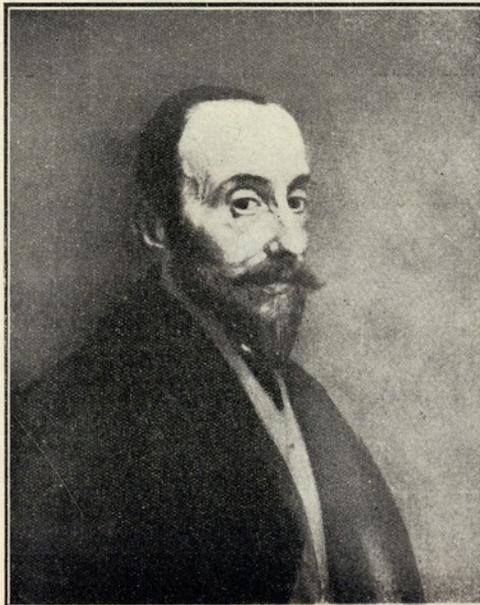
O seu pincel, tomado de predilecção pelas tintas suaves, pelas tintas mortas, industriou-se principalmente no retrato. Mas Columbano não foi somente um estupendo retratista. Os seus quadros de natureza morta são autenticas maravilhas. O Mestre sabia penetrar na alma das coisas e tinha o condão de as rodear dum apropriado e delicado ambiente, fazendo-nos sentir e compreender essa alma, que só ele — e rarissimos — sabia surpreender e traduzir.

Mas Columbano foi tambem um finissimo e notavel decorador. Desde muito novo, mas já na maturidade da sua Arte, foi encarregado de numerosos trabalhos decorativos. Lembramo-nos agora das sobre-portas da sala de recepção do palácio de Belem, dos aposentos — estilo Luiz XV — da rainha D. Amélia, um tecto em casa da condessa de Ficalho, o tecto da sala de Bernardo Pindella, outro em casa do marquês da Foz e a sala de baile do conde de Valenças, que é um verdadeiro encanto, vendo-se nas paredes sete «panneaux» representando as danças desde a renascença até á data em que os pintou. Para a Camara Municipal de Lsiboa pintou os tectos do vestibulo e a escadaria. E tantos, tantos outros trabalhos de preciosa e notavel ornamentação.

Mas, no que, para mim, Columbano foi realmente maior, foi no retrato, sendo vasta e esplendida essa sua galeria. Retratos de Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Leandro Braga, Fialho de Almeida, Eugénio de Castro, Taborda, João e Augusto Rosa, D. João da Camara, Lopes de Mendonça, António Feijó, Coelho de Carvalho, Teixeira de Pascoais, etc., etc., Retratos profundamente bem observados, imensamente expressivos, psicologicos, traduzindo sentimentos, moral, inteligencia, caracter, flagrantes de verdade. Eutupendos!

Tem sido muito discutida a falta de colorido de muitas telas do Mestre, a sua predilecção pelo tom suave, pelo tom seco das suas tintas discretas, sombrias, amortecidas, onde não há um grito triunfante da vida, uma risada embriagadora de mocidade. Sobre isto, escreveu Ribeiro Artur — oficial do exercito, tambem pintor — em 1880: «igual censura tem sido feita a Puvis de Chavannes, que é por muitos considerado o maior pintor da actualidade. E as suas maravilhosas decorações do Pantheon e da Sorbonne primarão entre as obras primas da arte moderna».

Não entremos, portanto, nesses detalhes, nem procuremos, numa atitude deploravel, amesquinhar ou ofender a Obra admiravel dum dos nossos maiores pintores que faria a gloria e seria motivo de justo orgulho mesmo noutros países de mais rica vida artistica.

Sobral de Campos

Retrato do Maestro Augusto Machado—Retrato da Ex.ma Sr. D. M. G. P. P. -Retrato do actor Augusto Rosa (Retratos de Columbano)

Pró Orfanato Santa Izabel

Varios aspectos da venda de bilhetes pelas meninas de Lourenço Marques, para o espectaculo que se realisou no Scala,

Ao centro—*O grupo das Senhoras e Meninas de Comissão:* Da esquerda para a direita—*1.º plano: Odete Amaral, Lila Fontes, Raquel Vidal, Iva Martins. 2.º plano: Alzira Silva, Helena Martins, Suzete Neves Dias, Maria dos Prazeres Brandão de Melo, Madame Alice Brito, Maria Clara Brito. 3.º plano: Zuleine Silva, Ivete Martins, Yolanda Soares de Melo, Maria Barbosa, Eugénia Vidal, Maria Santos Gil. 4.º plano: Madalena Barreto, Luiza Borló, Maria Francisca Abrunhosa, Madame Jesus Fontes, Helena Vidal, Elsa Santos Pato. Ultimo plano: Clotilde S. Pato e Josefina Bucelato.*

Na inauguração do Teatro Gil Vicente

Dois amigos de «tu cá, tu lá», que se felicitam, comovidos, entre as ovações do publico...

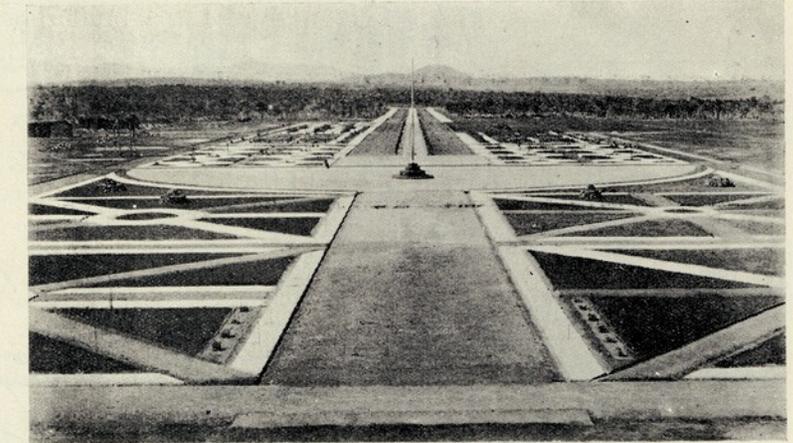
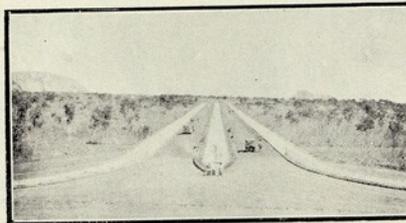
Por terras do Norte da Provincia

A 1.400 metros de altitude em Furancungo, Circunscrição da Macanga, Distrito de Tete, ha avenidas amplas e extensas e formosos jardins, bem traçados, que honrariam uma cidade moderna e que são notas flagrantes do nosso esforço colonisador. — Valerá a pena insistir em Tete? — Uma opinião.

Vista geral do jardim

Clima delicioso, terreno fertilissimo, água cristalina que, aqui, e mais além, nos aparece correndo das vertentes das montanhas ou dos rochedos graniticos — a Circunscrição da Macanga, que um lindo ceu azul cobre e um sol europeu aquece—no seu planalto tudo a natureza oferece, pródigamente dá.

Situado o Furancungo entre montanhas, cujos recortes caprichosos e lindos recordam alguns pontos da nossa terra distante, — ignoramos os motivos que aconselham as autoridades supremas desta colónia a manter a sede do Distrito nas margens do Zambeze, onde o calor sufoca e definha os europeus que as necessidades imperiosas da vida obrigam a viver ali.

No tempo da ocupação, Tete compreendia-se. Na época presente, em que todos os países coloniais, com o maior escrupulo e meticuloso cuidado, escolhem, para sedes das suas grandes cidades, o melhor clima e terrenos férteis e ricos onde os colonos possam empregar a actividade que, enriquecendo a terra e os povos, dê maior grandeza á Pátria-Mãe, — nós continuamos seguros á rotina, áquela

Estrada principal: Avenida com 20 metros de largura e 400 de comprimento.

habilidade adquirida pelo hábito e não pelo raciocinio reflectido e inteligente.

E no entretanto os planaltos da Macanga encerram minerais valiosos que a nossa incuria teimosamente impõe que neles permaneçam eternamente.

Dedza, Blantyre, Salisbury e tantas outras terras da visinha colónia inglesa, fizeram-se, desenvolveram-se e progrediram porque houve o cuidado na escolha do clima. Pois muito bem; o clima da grande cidade de Salisbury não é melhor, nem a sua altitude é superior á do Furancungo.

Nos planaltos desta Circunscrição dá-se o trigo, o feijão, a batata, tudo, emfim, o que nos exporta a Niassalandia, e, até, a Africa do Sul. E, contudo, os indígenas daqui não encontram compradores para os seus produtos porque Tete — o centro consumidor mais importante — fica a 177 quilometros do Furancungo!

* * *

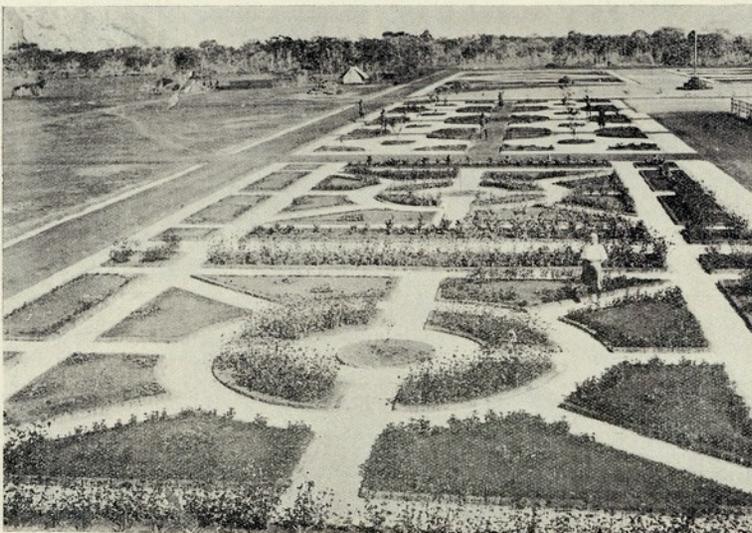
A época que atravessamos, cheia de incertezas, de receios pelo futuro sombrio duma diplomacia carregada de ambições, aconselha ás pequenas nações o emprego do máximo esforço no seu patrimonio colonial.

Precisamos, pois, fazer mais do muito que já temos feito e atender, emquanto é tempo, ás reclamações dos indígenas — se julgarem que uma colónia não pode prescindir da sua população nativa.

Deixemos Tete, o seu calor, a sua água turva e mal cheirosa, e sejamos o que devemos ser: inteligentes, práticos e oportunos.

O caminho está indicado: Nem mais uma casa, nem mais uma obra.

Tudo pela Macanga, tudo pelo Furancungo!

X. X.

Um dos canteiros do jardim

A Eugénica vista por Hitler

Uma espécie de pseudo-helenismo, um helenismo muito primitivo, da «idade de ferro» em que escreveu o velho Hesiodo, parece inspirar a actividade política do Fuhrer.

A sua preocupação racista lembra as lutas das fratrias pre-egeias. A contrapôr á tendencia latina de uma unidade espiritual de toda a Europa, o chefe nazi, entrincheira-se no bloco da classe média, a grande sacrificada da guerra, hostilisando raivosamente todos os outros agrupamentos. É uma autentica ressurreição das lutas tribais. Paradoxo interessante, o nacionalismo hitleriano baseia-se numa fragmentação ostensiva da Nação, opondo á idea da Pátria, entidade geográfica e moral relativamente estavel, o dogma do partido, fenomeno instavel e unilateral.

É uma espécie de conquista interna, a submissão da Alemanha por um grupo isolado, fortemente apoiado na classe que até hoje não tinha uma posição definida na politica — a classe média. É a ditadura do pequeno comerciante, do pequeno agricultor, do empregado comercial, do accionista subalterno.

A legislação deriva directamente do homem que representa a vontade do grupo, como outrora as leis de Zaleuco ou de Dracon. E, desde que o nomoteta moderno resolve transformar a sua terra num instrumento de guerra, as leis convergem todas para o objectivo espartano. O cidadão perde as suas caracteristicas individuais, para ser uma parcela, a peça inanimada de uma possante máquina belicosa.

* * *

Tem essa finalidade a lei que o gabinete alemão vai decretar, determinando a esterilização dos individuos degenerados, anormais psiquicos, alcoolicos, criminosos sexuais, portadores de moléstias nervosas. Um conselho superior médico deverá informar sôbre a capacidade organica do individuo e do seu direito á fecundação, tal como um conselho de vaqueiros instruiria sôbre o valor industrial de qualquer espécime animal empregado como reprodutor em uma ganaderia.

Sem apreciar o aspecto juridico ou moral desta doutrina, é interessante examinar o seu fundamento scientifico, o alcance puramente biologico, para ajuizarmos com consciencia se sim ou não poderá dela auferir vantagens efectivas a sociedade que a preconiza.

Dizem os sábios que o fenomeno da hereditariedade é, apesar de todas as pacientes investigações que o analisam, ainda muito nebuloso, cheio de mistério e de surprezas. A lei mendeliana relativamente simples no arranjo que imprime aos caracteres herdados e de uma aplicação facil quando se trata de formas exteriores, a coloração, o tipo do cabelo, é hesitante quando se refere á distribuição dos caracteres internos, como as reacções do sangue ou as particularidades nervosas. É verdade que, de uma maneira geral, a tara nervosa transmite-se aos descendentes. Mas a sciencia entende por doença todo um conjunto de perturbações que a maior parte da humanidade traz resignadamente na sua vida habitual, constituindo a grande familia dos nervosos a maioria das pessoas inteligentes a quem a sciencia e a arte quási tudo devem. É dessa legião enorme de semi-doentes que erra pelo mundo cheia de insónias, de angustias, de obsessões que vieram á vida algumas das figuras máximas da humanidade.

Pascal, rebento definhado de uma familia de maniacos e misticos, antes de entorpecer definitivamente na paralisia geral, assombrou o mundo com o génio estupendo que com igual fulguração scintilou nas letras e na sciencia, nas matematicas e na filosofia. Todos conhecem a tragédia da vida do Rousseau, a nevrose do Beethoven, a aberração moral de Bacon. O problema começa a tornar-se insoluvel quando se observa que numa mesma familia, ao lado de um idiota surge um degenerado de génio. E, facto curioso, admitido pelo esquema de Mendel, há caracteres latentes no individuo degenerado e que por atavismo se transmitem aos descendentes. Não é raro o homem superior que nasce de um casal de imbecis, como é vulgar o superhomem que géra abortos.

Diante deste quadro em que a Natureza opera por caminhos sinuosos, é estulta a pretenção de standardisar a familia. É privar a sociedade de algumas possibilidades brilhantes, restringir a sua liberdade, condicionando a fecundação a um sistema de selecção artificial. A espécie humana, como todas as espécies animais, regula a actividade genésica pelo sentimento das suas necessidades e pelo instinto da propagação. É dotada do poder da selecção e, perante a decadencia dos seus caracteres, reage pela irradiação automatica do tipo inferior. Trata-se, porém, de um impulso natural, sujeito a erros, a experiencias fortuitas, a resultados mais ou menos contingentes.

Nas bases actuais, a sociedade instrue o Homem, dá-lhe o conhecimento das modernas aquisições da sciencia, educa-o na livre escolha, prepara-o para a responsabilidade integral do acto sexual, e, no caso de insucesso, permite-lhe a consolação de ser uma vítima da sua ignorancia ou da fatalidade fisiológica.

A vingar a doutrina hitleriana, desaparecem o individuo e a sua liberdade. A sociedade e as leis tornam-se as unicas responsaveis das mil e uma contingencias da hereditariedade. No entanto, este acto arrojado de uma sociedade que se diz civilizada, isto é racional, não é autorizado por nenhuma conclusão positiva da biologia, nem ao menos por qualquer hipotese consagrada.

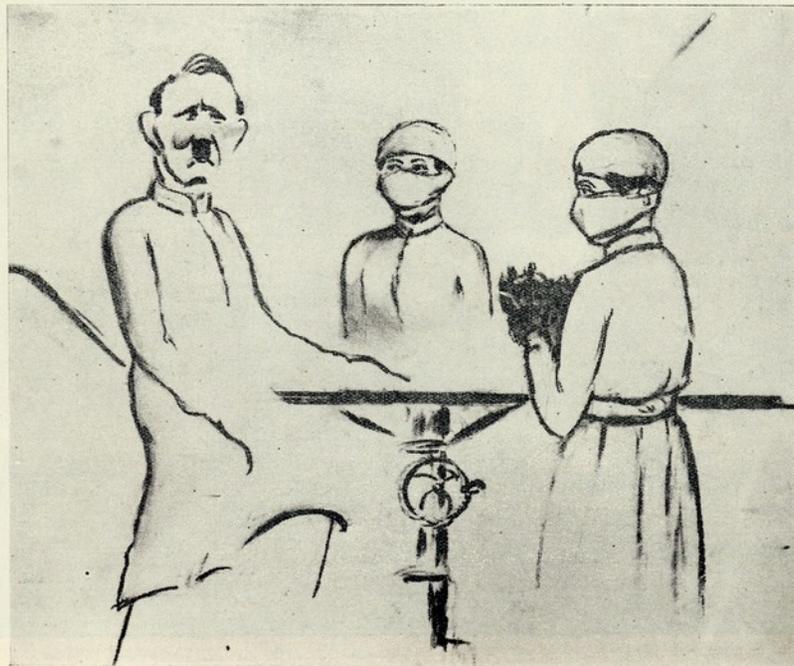
Só é possivel eliminar os tarados psiquicos, esterilizando todos os doentes nervosos, porque dentro deles a sciencia só raras vezes distingue o hiperestésico superior, género Hitler, do degenerado inferior, maniaco, mistico, histerico ou epileptico. Uns e outros são igualmente susceptiveis de engendrar tipos psiquicamente inferiores. E, se temos o direito de eliminar violentamente alguns, porque não havemos de dar igual tratamento á progenie do proprio Hitler, um agitado inteligente?

Um outro aspecto da questão é a injustiça de se supor que só os estigmas nervosos pesam no balanço economico ou social da vida. Não são menos prejudiciais para a sociedade as gerações dos tuberculosos e de alguns sifiliticos que oneram os seus encargos, obrigando-a a criar sanatórios, asilos, dispensários: Será possivel eliminar estes doentes, sem um desfalque consideravel de valores? O caracter mais especifico da espécie humana, o que lhe dá a vitoria sobre as outras espécies, é a sua inteligencia. E, é inegavel que ela se encontra com frequencia aliada no mais alto grau á tara nervosa ou tuberculosa.

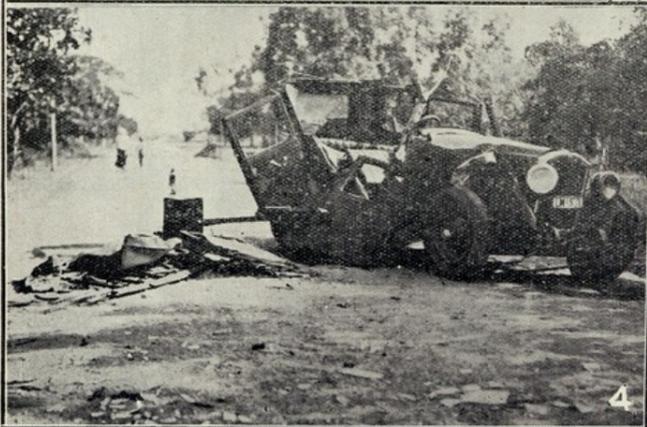
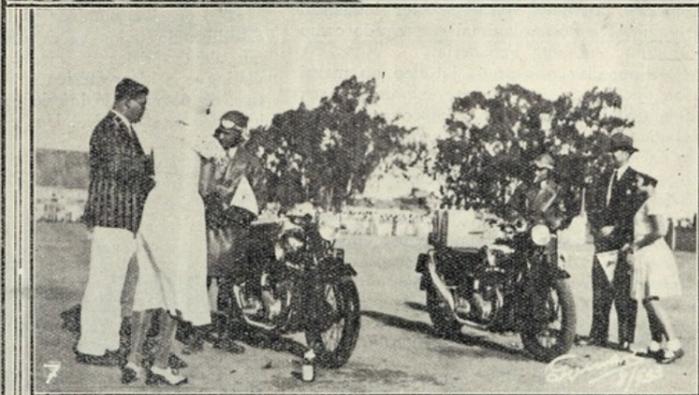
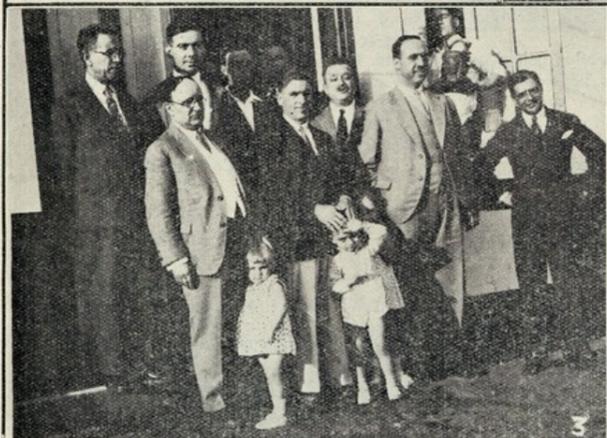
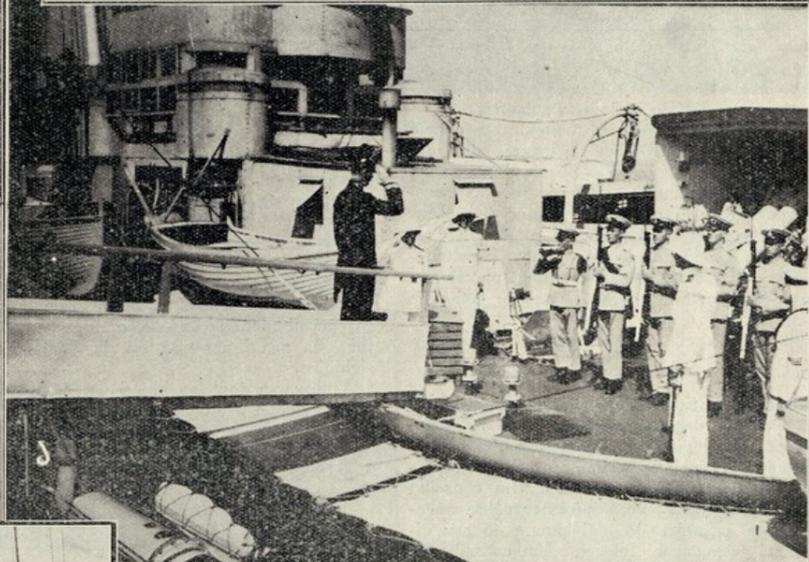
* * *

De todos os actos politicos do chefe nazi, a perseguição aos judeus, a guerra aos católicos, o exterminio das seitas moscovitas, a história marcará com mais relevo este acto de violencia, o mais arrojado e o de maior alcance. É o estrangulamento total da liberdade, a coerção sobre a constituição da familia. É uma doutrina escabrosa, impregnada de brutalidade. A sciencia é incapaz de prever o resultado de uma união, embora calcule com aproximação as suas probabilidades.

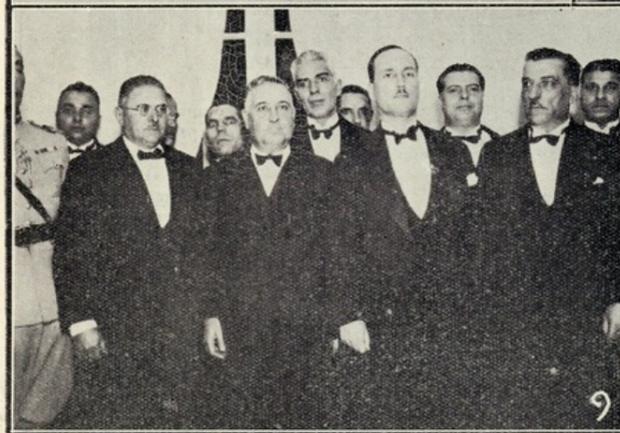
Conta-se que, durante a guerra europeia, uma actriz inglesa celebre pela sua beleza e partidária fervorosa da eugénica ofereceu uma noite de amor a Lloyd George. Ambicionava ter um filho do estadista, então em pleno apogeu da sua gloria politica. Juntar-se-iam assim no mesmo individuo, dizia a apaixonada Frineia, o corpo mais belo da Inglaterra e o seu espirito mais flamejante. O ministro inglês teria declinado a honra, alegando o receio de que, ao contrário do que ela previa, pudesse nascer um pimpolho com o corpo do pai e a cabeça da mãe. Seria interessante saber-se o que faria Hitler num caso semelhante. Que diria, por exemplo, o conselho médico nazi, se fosse chamado a julgar das aptidões do Hermes, condutor de almas, uma das obras mais patológicas atribuidas ao Praxiteles?

Cordato de Noronha.

— Primeiro eu! Cumpre-me, a mim, dar o exemplo.

(Ilustração de Vilela)

Actualidades da COLONIA

(1) A leôa morta por Wally Johnson, na caçada de 24 de Julho deste ano, no Uanetze.

(2) Henry Paul e Eduardo Veloza, junto da segunda leôa morta por Eduardo Veloza, na mesma caçada. (Fotografias de Wally Johnson).

(3) Os srs. Engenheiros A. J. de Freitas, Chefe da Repartição de Minas das O. P., e Ribeiro de Mendonça, Chefe da Secção Técnica da Camara Municipal, a quando da inauguração da nova Fábrica de Ceramica, do sr. Julio Gomes Ferreira.

(4) Como ficaram o automovel de praça L. M. 1531 e a carroça que se chocaram na Estrada da Matola, na madrugada de 14, choque de que resultou ter ficado gravemente ferido o chauffeur daquele, Alvaro Monteiro.

(5) O bando de gafanhotos que há dias passou nas proximidades dos montes Libombos. (Cliché Cassiano).

(6) O consul de S. M. Britanica, nesta cidade, sr. W. B. Carse, a quando da sua visita ao cruzador inglês «Carlisle».

(7) A cerimonia do baptismo das motos «Ariel» no campo do Ferro-Viário, nas quais os motociclistas Manuel Joaquim Lopes e Anibal Ferreira desta cidade estão tentando, desde têrça-feira, um raid a Portugal.

(8) Grupo das crianças da Escola Paiva Manso, premiadas por ocasião das festas ultimamente ali realizadas.

(9) O sr. Encarregado do Govêrno, tenente-coronel Soares Zilhão, com o Presidente da Camara Municipal, sr. J. Silva Pereira, na Associação dos Empregados do Comercio e Industria, por ocasião do Porto de honra que a direcção daquela simpática agremiação ofereceu no dia do 35.° aniversário da sua fundação.

(10) Quatro «taxi-girls» que dançam num dos clubs desta cidade.

(11) (12) (13) O sr. Manuel Rodrigues, proprietário do teatro «Gil Vicente» com o sr. Presidente da Camara Municipal, os directores da Metro Goldwin Mayer, de Joanesburgo, e sua familia. A fachada do novo teatro. Um aspecto da assistencia ao Porto de honra que o sr. Manuel Rodrigues ofereceu na vespera da inauguração do seu teatro.

(14) Um aspecto dum baile num dos dancings da cidade.

Cogito, ergo sum...

I

Na aldeia, á noite, na lareira... Inverno...
O toque de almas — nove badaladas
Bronzeas, sonoras, graves, compassadas. .
E reso e scismo... Se haverá inferno?...

— Naus perdidas, errantes, sem governo,
No Mar-Negro da morte naufragadas,
Almas em pena! sêde perdoadas
E dê-vos o Senhor descanço eterno! —

Mas eis, lá fora, levantou-se o vento,
E vem bater e uivar á minha porta...
Crepita o lume... Ateia-se, risonho...

Depois vai-se apagando... E o pensamento?..
Será também disperso em cinza morta?...
E em fumo a labareda do meu sonho?...

II

Lepra a morder-te, miserável Job,
Debalde interrogando as sepulturas,
Que és tu, meu pensamento, e que procuras,
Vagabundo, invisivel noitibó?

O pensamento! A escada de Jacob
Por onde eu subo a devassar alturas,
Por onde desço, trémulo, ás escuras,
Á busca de mim mesmo, sôbre o pó...

Á busca de mim mesmo?... E vou, de rastros,
Buscando-me entre os mortos da batalha,
Ou ascendo, buscando-me na leva

Dos astros prisioneiros, — porque os astros
Gravitam encerrados na muralha
Inexpugnável do Silencio e Treva...

III

É das ameias dessa fortaleza
E debruçado sôbre o parapeito,
Que anciosamente, inutilmente espreito
Uma verdade eterna, uma certeza...

Como o universo — uma fogueira acesa, —
Perante o nada é limitado e estreito!

A própria escuridão é um efeito
Da luz, outra ilusão da natureza...

E, pávido, descubro apenas isto:
Dentro de mim, a devorar-me, a esfinge,
A dôr do pensamento! Sei que existo...

Sou o eco talvez dalgum gemido,
Gota de sangue, a lágrima que tinge
Talvez a face dalgum Deus vencido...

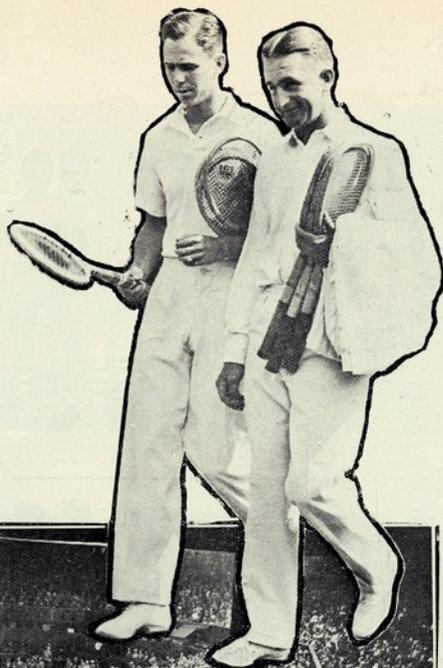
Cândido Guerreiro.

Arquivando o passado...

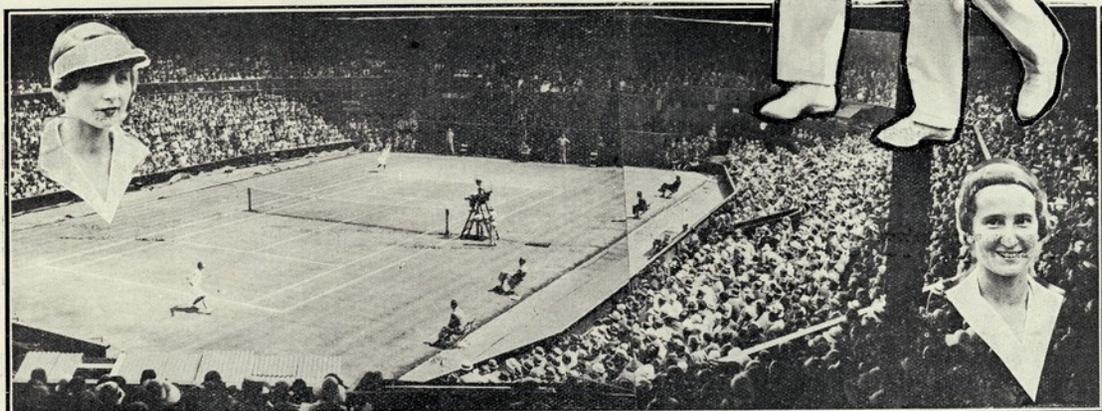
Esta nossa curiosa gravura, cuja fotografia, como se vê, foi tirada na praia da Polana, mostra-nos um grupo de alguns visitantes do Transvaal, trasidos a Lourenço Marques, em Julho ou Agosto de 1906, pelo capitão de Waegenaere, que organizou essa excursão e que há pouco tempo esteve entre nós.

No grupo vêem-se, alem de várias outras pessoas desta cidade e do Transvaal, os drs. Boyd e J. Niekerk, chefes dos Serviços de Saude em Pretoria e Joanesburgo, e três reporters do Transvaal, entre os quais o sr. Vere Stent do «Pretoria News». Ao centro vê-se o sr. Waegenaere tendo á sua direita o falecido Ernesto Torre do Vale e á esquerda o sr. H. da Costa, presidente da Camara Municipal, a seguir ao qual, e com fardamento branco, está o capitão do Porto.

Entre as senhoras de Lourenço Marques, reconhecemos Mme. Bayly, vendo-se ao centro, Mme Mogg, de Pretoria, e no segundo plano vê-se o sr. A. W. Bayly, que foi, como se sabe, um verdadeiro e interessante jornalista.

Os campeonatos de Inglaterra em Wimbledon

Em 7 e 8 de Julho foram disputadas em Wimbledon as finais de «simples» dos Campeonatos de Inglaterra.

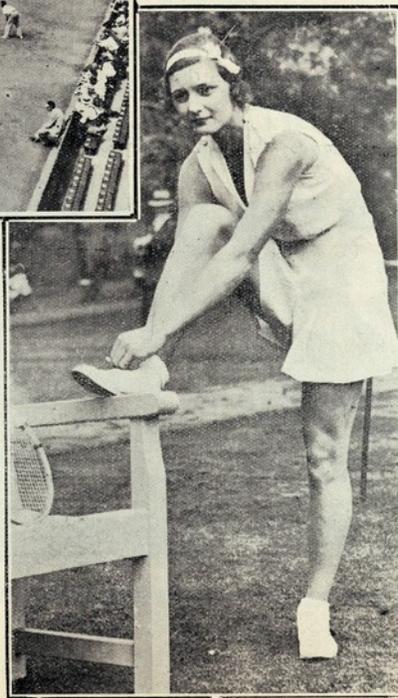
A partida Helen Wills — Dorothy Round, de que a gravura dá uma fase, foi um duelo. A «invencivel Helen» ganhou o titulo pela sexta vez. Mas a inglesa opôs uma resistencia terrivel ganhando um «set», feito que desde 1927 Helen não consentira a nenhuma outra competidora. O resultado final foi 6/4, 6/8 e 6/3.

Por sua vez o australiano Crawford (á direita) conseguiu uma vitória brilhante sobre Vines (E. U. A.), que era o detentor do titulo e o grande favorito. A luta foi desesperada, como o «score» indica: 4/6, 11/9, 6/2, 2/6 e 6/4

A Taça Davis

A Inglaterra bateu a America por 4 vitórias contra 1, apurando-se para a final contra a França, detentora da Taça.

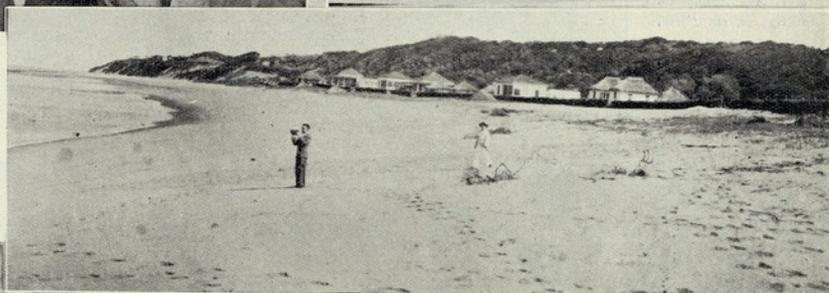
Na gravura vê-se Austin, em calções, jogando no estádio Garres, em Paris, contra o campeão americano Vines, a quem bateu por 6/1, 6/1, 6/4, resultado sensacional pois Vines era a grande esperança dos Estados Unidos, o sucessor do grande Tilden.

* * *

Esta temporada de tenis foi revolucionária quanto á indumentária clássica deste jogo. O uso de calções foi a novidade, introduzida por Austin, por parte do sexo masculino e por Mrs. Fearnley Whittingstall quanto ao sexo feminino

Uma excursão a Vila de João Belo

organisada pelos empregados da Casa John Orr

EM CIMA: O 1.º team do Sporting Club de Gaza. EM BAIXO, á esquerda o team misto da Casa John Orr que perdeu com aquele por 2-1.

A' DIREITA: A passagem da camionete da excursão sobre o pontão do rio Limpopo, á entrada de Gaza.

AO CENTRO: á esquerda: Um grupo de excursionistas, em Xinavane; á direita, outro grupo dos excursionistas, na Manhiça.

EM BAIXO: á direita um aspecto da praia Sepulveda, em Vila de João Belo; á esquerda um grupo dos excursionistas com alguns sócios e os jogadores do Sporting Club de Gaza.

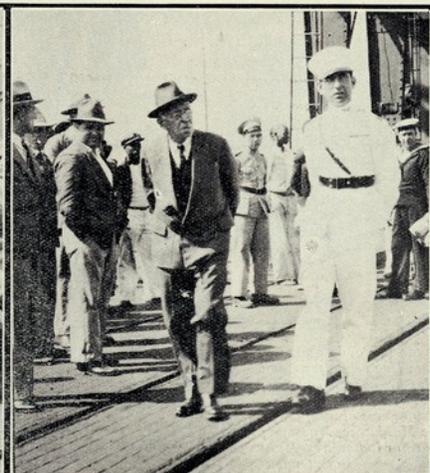
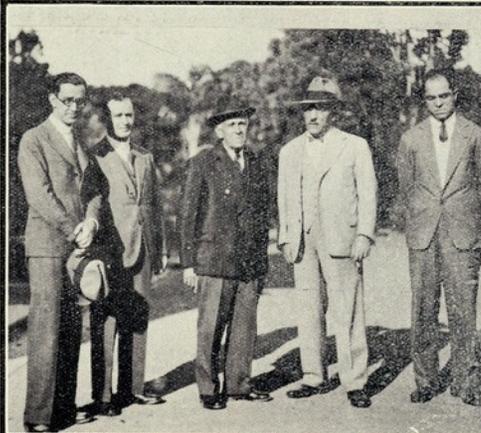
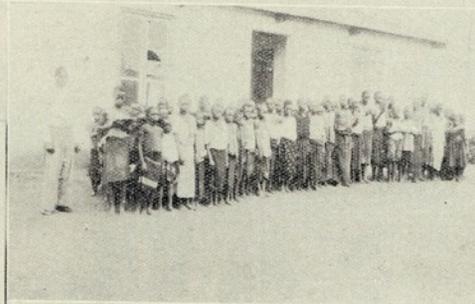
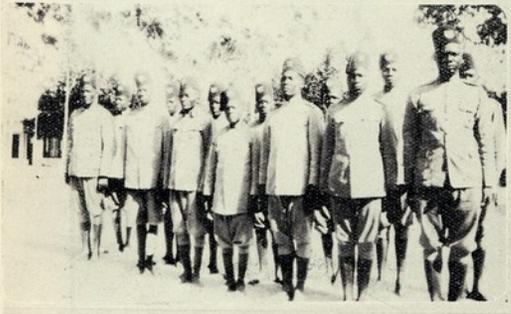
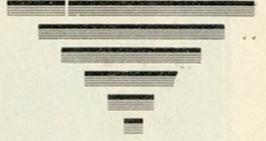
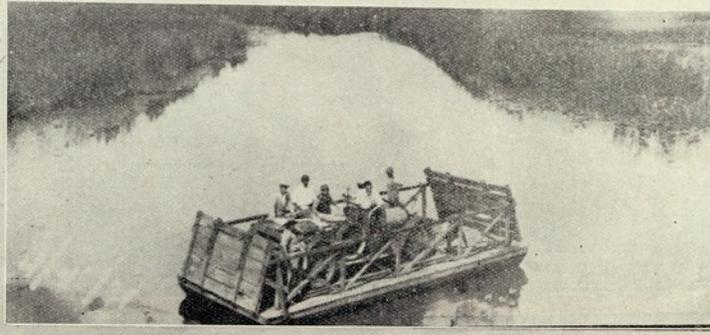
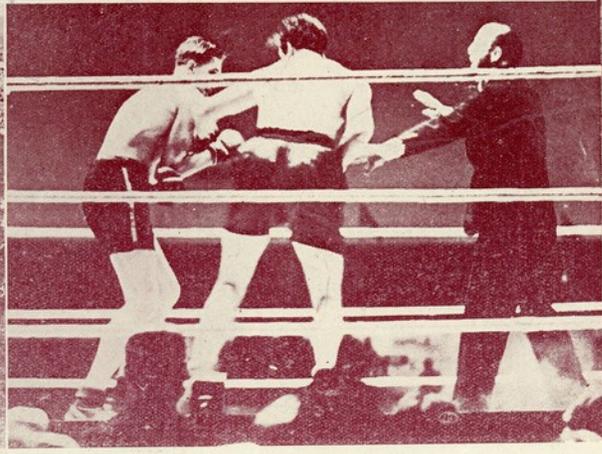
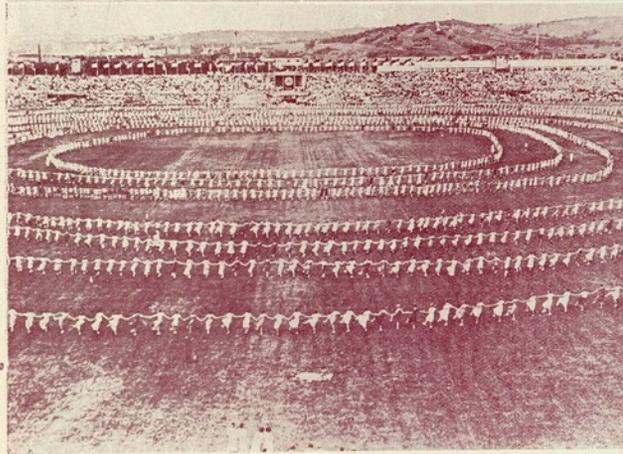
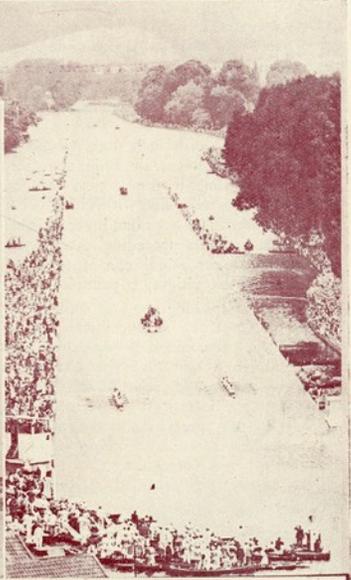
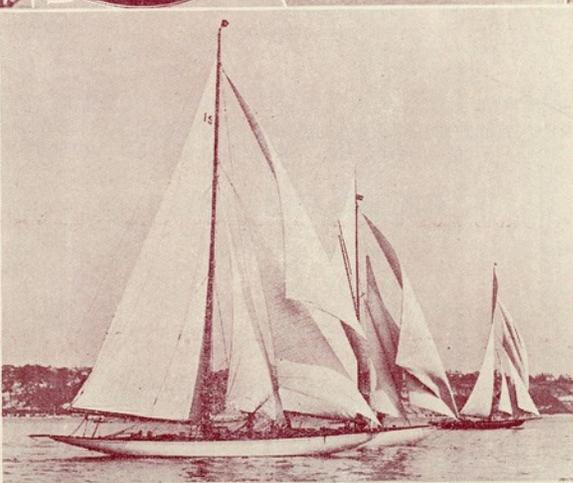
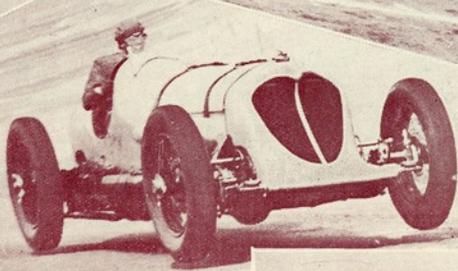
O Almirante Gago Coutinho

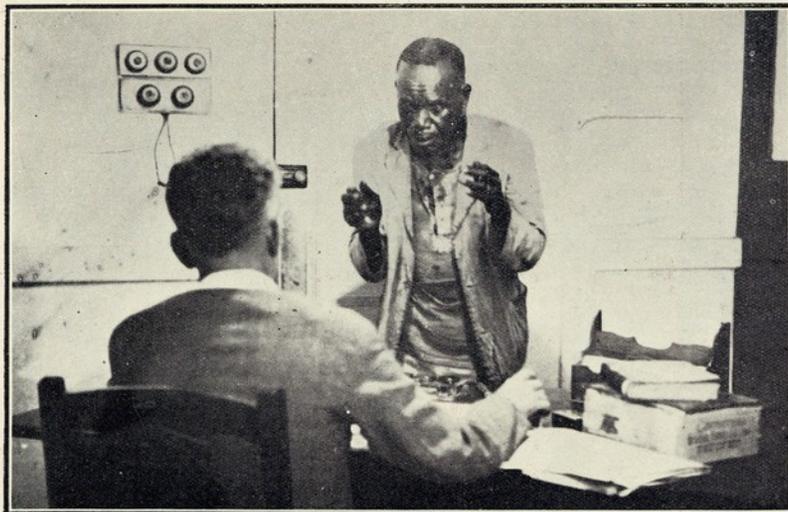
na sua estada em Lourenço Marques

Em cima: *O sr. Encarregado do Govêrno com o sr. Almirante Gago Coutinho, no jardim do Palácio da Ponta Vermelha; Chegada do sr. Almirante á estação dos C. F. de Lourenço Marques; Gago Coutinho pousando para o «Ilustrado».*

Ao centro: *Um aspecto da Avenida 24 de Julho vista do avião do Major Miller tirado durante o vôo oferecido ao sr. Almirante*

Em baixo: *O Almirante e a direcção do Aero Club da Colónia; outro aspecto da chegada de Gago Coutinho á estação dos C. F.; Gago Coutinho em passeio na Ponte Cais.*

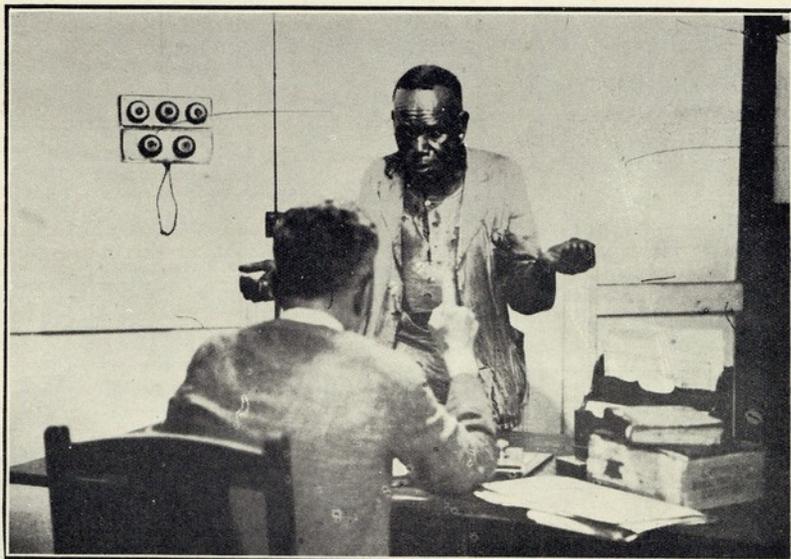
Clichés do sr. Francisco Toscano e Arnaldo Silva

PAGINA INDIGENA

De cima para baixo, da esquerda para a direita: *Una beleza femenina dando de mamar ao seu bambino; Uma escola indigena em Manjacaze, Muchopes, com os seus alunos; Corpo de cipaios de Manjacaze, Muchopes; Escola rudimentar indigena em Manjacaze; Nhumaio, sobrinho do Gungunhana, morador em Manjacaze; Ungubana, régulo de Magude, tendo á sua esquerda um seu irmão mais novo; Trez indunas do Gungunhana, residentes no Transvaal; Um soldado indigena dos que prestaram serviço em Timor durante muitos anos; Dois parentes do Gungunhana, residentes no Chibuto; Um pontão do rio Incomati.*

Clichés do sr. Francisco Toscano

De cima para baixo e da esquerda para a direita — *A MULHER DESPORTIVA: No 11.º campeonato anual de atletismo feminino, em Londres: Miss Mary Milne ganhando o salto em altura, com 1m,475; a chegada dos 100 metros, ganhos por miss Hiscock em 12 1/5 (record inglês). Lovelock, da Universidade de Oxford, que estabeleceu um novo «record» mundial da milha: 4 m. 7 s. 3/5. O carro «Napier-Railton» em que o conhecido volante John Cobb vai tentar o «record» das 34 horas. Durante a experiencia, o carro fez 135 milhas á hora. O recordman finlandês Lehtinen ganhando as 3 milhas, em grande estilo, nos campeonatos da Associação Amadora de Atletismo, em Londres. Tempo: 14 m. 9 s. 1/5. Duas pitorescas cenas de regata: de «yachting» em Bournemouth, e de regata real em Henley, ganha pelo London Rowing Club, que na final bateu os alemâis do Berliner Ruder Club. A pista, nitidamente marcada, tinha uma milha e 550 jardas. Um grande festival desportivo na Alemanha: a «dança da roda» pelas alunas da escola de Stuttgart. O campeonato inglês dos «pesados», em White City, Londres, entre Jack Doyle (Irlanda) e Jack Petersen (Cardiff), titular. A gravura mostra o árbitro numa das suas frequentes advertencias a Doyle, durante o primeiro assalto. Doyle tentou repetidamente bater baixo, e conseguiu-o varias vezes, o que lhe valeu a desclassificação no segundo «round».*

O Crime -- da -- Catembe

— . . . que o carro do patrão estava abandonado e que uns homens tinham encontrado um punhal com manchas de sangue fresco.

Dissemos na ultima cronica que era quási certo que neste numero já poderiamos reconstituir, com maior precisão, a impressionante tragédia. Assim o fazemos, cumprindo a promessa, embora ainda ocultemos os nomes dos personagens.

E, para não perdermos mais tempo em divagações, comecemos, de hoje em diante, a instruir publicamente o processo com os elementos que nos têm sido fornecidos pelos nossos informadores atravez das investigações particulares a que têm procedido. Acompanhemos em primeiro lugar o indigena Matunalana, um dos serviçais da vitima, o primeiro a ser ouvido, depois do crime.

Aqui tem o leitor a reprodução fiel do seu depoimento, tal como o produziu no primeiro interrogatorio a que foi sujeito, á parte várias frases em landim (que foram devidamente traduzidas por interprete) e as muitas incorrecções do seu imperfeito português, que foram evitadas na cópia a limpo e passada á máquina que nos entregaram:

— Você esteve com o seu patrão no dia em que ele desapareceu?
— Estive, sim senhor.
— A que horas?
— Não sei.
— Mas de manhã ou á tarde?
— Depois do almoço.
— Aonde?
— Na machamba.
— O patrão estava só ou tinha outros brancos com ele.
— Estava só.
— Ele disse-lhe que saia para fora nessa tarde?
— Não, senhor.
— Mas, quando saia, costumava dizer?
— Uma vezes dizia, outras não, mas naquele dia disse que ficava.
— Você tem a certesa disso?
— Tenho porque ele mandou-me ir lá a casa antes do pôr do sol.
— Para quê?
— Não sei.
— Mas você voltou a falar com o patrão?
— Não voltei.
— Mas estava em casa ou nas dependencias antes dele se ir embora?
— Estava na cosinha
— Com quem?
— Com o cosinheiro e com a mainata.
— Como se chamam?
— Quem?!
— A mainata e o cosinheiro.
— A mainata Motasi e o cosinheiro Achave.
— E dentro de casa quem estava?
— O patrão e a mulher do patrão.
— Branca?
— Não. Mulher indígena.
— Não estava mais ninguem?
— Dois brancos.
— Dois homens?
— Um homem e uma senhora.
— Como é que você sabe?
— Vi-os.
— Então você esteve tambem dentro da casa?
— Não, senhor.
— Então, como é que os viu?
— Vi-os chegar de automovel quando eu vinha a entrar de volta da machamba.
— Como eram?
— O quê?!
— Altos, baixos?
— O homem era alto, mais alto que o senhor. A mulher não era alta nem baixa.
— Bonita?
— Oh! bonita e nova!
— Você já os tinha visto alguma vez?
— O homem já. A senhora, não.
— Então o homem era amigo do patrão?
— Amigo, não sei.
— Mas era visita, ia a casa do patrão muita vez?
— Eu vi-o algumas vezes em casa e na machamba.
— Português?
— Inglês.
— O nome dele? Como se chama?
— Não sei...
— Você sabe!
— Não sei, não senhor.
— Você não quere dizer a verdade. Você sabe.
— Não sei, patrão!
— Bem. Veremos. A senhora como ia vestida?
— De branco.
— Tem a certeza?
— Tenho.
— Você sabe o que é branco?
— Sei...
— É assim? (e mostrei-lhe o meu casaco azul). (Riu-se e disse-me que não).
— É assim? (e mostrei-lhe o meu lenço branco).
— É.
— Como era o automovel? Era aberto, como o do seu patrão?
— Não. Era fechado.
— Grande, ou pequeno?
— Grande.
— E a côr?
(Apontou, a rir-se, para a cara dele).
— Preto?
— Sim, senhor.
— Não saiu mais ninguem do automovel?
— Não, senhor.

— Hayikhona! Eu não sei nada, senhor!

— Nem ficou ninguem dentro dele?
— Gente... não.
— Mas viu lá alguma coisa?
— Vi.
O quê?
— Um cão.
— Um cão?!
— Sim, senhor.
— Grande ou pequeno?
— Muito grande.
— Como é que você sabe?
— Porque o cão esteve depois junto da cosinha e até o Achave lhe deu comida.
— As visitas demoraram-se muito tempo com o patrão?
— Não muito tempo.
— Meia hora? Uma hora?
— Não sei de horas. Pouco tempo...
— Você ouviu a conversa do patrão com as visitas.
— Ouvi.
— Então, o que diziam?
— Não sei...
— Você sabe!
— Não sei. Falavam inglês.
— Mas como é que você sabe, se você não esteve dentro da casa?
— Ás vezes falavam alto.
— Zangados?
— Parecia...
— Você viu sair o patrão e as visitas?
— Vi. Primeiro saiu o carro com o inglês e a senhora; e atraz ia o patrão no carro dele.
— O patrão não chegou a falar com você?
— Não, senhor.
— Como é que você soube do crime?
— Ontem de manhã, uma mulher da minha familia veio-me dizer que o carro do patrão estava abandonado e que uns homens tinham encontrado um punhal (o Matunalana chama-lhe faca) com manchas de sangue fresco.
— E que fez você depois de saber isso?
— Fui ver.
— E que viu?
— Vi o carro e gente que estava também a ver e que dizia que tinham morto o patrão.
— Mas onde estava o corpo do seu patrão?
— Não sei...
— Você sabe!
— Não sei.
— E os outros o que diziam?
— Que tinham morto o patrão mas que ninguem tinha visto o corpo dele.
— Você não está a falar verdade. Você sabe quem o matou e para onde o levaram e não quere dizer.
— «Ayikona»! Eu não sei nada, senhor!
— Veremos... Onde é que você dormiu? Em casa do patrão ou na machamba?
— Na machamba.
— Você não falou com ele de noite?
— Eu já disse ao senhor que não voltei a falar com o patrão desde que ele esteve na machamba depois do almoço.
— Você não ouviu dizer que o patrão foi assaltado, no caminho, por indígenas?
— Não ouvi.
— Então, quem o matou?
— Não sei.
— Seriam brancos?
— Não sei, senhor.
— Como é que estava o carro do patrão? Tinha as portas abertas ou fechadas?
— Tinha as portas abertas.
— E não viu nada no carro?
— Não vi nada.
— Então não viu um bocado de fazenda branca?
— Vi, sim senhor.
— Então porque estava você a dizer que não viu nada?
— Não me lembrava.
— Mas viu, concerteza?
— Vi, senhor.
— Era um lenço? (e mostrei-lhe o meu lenço).
— Não era. Era como vestido da senhora branca que ia com inglês.

(Quando estava nesta altura do interrogatório, um dos meus três companheiros trouxe-me algumas informações que considerei importantes e tive que interromper este serviço para proceder, com eles, a umas diligencias urgentes. Trata-se de ouvir uma indigena que parecia possuir elementos que poderiam orientar-nos na tarefa que nos impuzemos. Suspendi, portanto, este iterrogatorio, metemo-nos no nosso automovel e fomos á procura dessa mulher a cerca de vinte quilometros. Ao mesmo tempo tive pena de assim proceder porque fiquei com a impressão de que o Matunalana sabia mais do que o que dissera e que era aquela a melhor ocasião para o surpreender).

* * *

Começa assim a satisfazer-se a curiosidade dos que nos acompanham com interesse e dos que nos animam a continuar.

Nos numeros seguintes seguiremos, sem tergiversar, a dar a publico, pela sua ordem, os depoimentos colhidos pelos nossos informadores, as acareações e as demais diligencias a que procederam.

S. C.

Comemorando o 10.° Aniversario do Advento Fascista

O Cruzeiro aereo Roma-New York

Todo o mundo seguiu com interesse e simpatia o maravilhoso vôo das águias italianas sob o comando do intrépido Marechal Balbo que já anteriormente fez a travessia do Atlantico em visita de amisade ao grande povo Brasileiro.

O recente cruzeiro Roma, Chicago, New York é qualquer coisa notavel, necessitando uma grande competencia técnica para vencer as inumeras dificuldades que surgiram aos 24 hidroplanos de que se compunha a imponente esquadrilha.

O percurso total da viagem foi cerca de metade da circunferencia da terra.

Este cruzeiro, que atravessou diversos países, é uma prova irrefragavel do grande progresso da Itália que, dia a dia, vai acrescentando mais um grande feito á já grande obra realizada no dominio cientifico e social.

O Marechal Italo Balbo, uma das grandes figuras da revolução Fascista, é condecorado com a medalha de ouro que a Federação Internacional de Aeronautica todos os anos confere ao melhor empreendimento aéreo.

A inesgotavel energia do povo italiano, o seu grande progresso, alicerçado no proficuo labor cotidiano, foi bem patenteado nas azas maravilhosas que ele acaba de mostrar ao mundo inteiro.

Produtos de Beleza